

O efeito da corrupção no risco dos bancos

Dissertação de Mestrado

André Luís dos Santos Cordeiro

Mestrado em

Ciências Económicas e Empresariais



O efeito da corrupção no risco dos bancos

Dissertação de Mestrado

André Luís dos Santos Cordeiro

Orientadores

Prof. Doutor Tiago Mota Dutra
Prof. Doutor João Carlos Aguiar Teixeira
Prof. Doutor Tiago Filipe Almeida Matos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Económicas e Empresariais, com especialização em Finanças e Contabilidade.



RESUMO

A estabilidade financeira e o crescimento económico sustentável dependem, em grande parte, da estabilidade do sistema bancário. Contudo, existem diversos fatores que influenciam o risco bancário e que criam entraves ao bom desempenho das instituições bancárias, nomeadamente, a corrupção.

A presente dissertação tem como objetivo aferir o efeito da corrupção no risco bancário, através da análise dos dados recolhidos de 437 instituições financeiras, distribuídas por 39 países, relativos ao período de 2014 a 2024, com recurso ao método *System Generalized Method of Moments*.

O risco bancário foi mensurado através da variável, *asset risk*, que reflecte a volatilidade dos ativos dos bancos. Para avaliar o efeito da corrupção, recorreu-se à variável, *Corruption Perceptions Index (CPI)*, utilizado como *proxy* da perceção da integridade e transparência institucional e ao *Corruption Risk Assessment (CRA)*, que sinaliza a adoção de mecanismos formais de avaliação de riscos de corrupção. Neste estudo, incluíram-se ainda, variáveis microeconómicas (rentabilidade, alavancagem, dimensão, eficiência operacional e diversificação de ativos) e macroeconómicas (crescimento do PIB, inflação, nível das taxas de juro e inclinação da curva de rendimentos).

Os resultados demonstram que o *CPI* exerce um efeito negativo e estatisticamente significativo sobre o risco bancário, comprovando-se que em países com maior nível de integridade e transparência, as instituições financeiras permanecem menos expostas ao risco. Relativamente ao *CRA*, este apresentou também um efeito negativo e significativo, sugerindo que a adoção de mecanismos formais de avaliação de riscos de corrupção por parte das entidades bancárias, reforça a estabilidade do setor. No que concerne às restantes variáveis, verificou-se que a rentabilidade apresentou uma relação positiva com o risco, enquanto a alavancagem, teve um efeito negativo, confirmando a importância da capitalização como fator de resiliência.

Este estudo evidencia que o reforço da qualidade institucional é essencial para mitigar os efeitos da corrupção no risco dos bancos. Os resultados oferecem evidência empírica internacional sobre a relação entre corrupção e risco bancário, bem como para a formulação de políticas públicas orientadas para a resiliência do sistema financeiro.

Palavras-chave: Banca; Corrupção; Risco; Sistema financeiro.

ABSTRACT

The stability of the banking system is widely acknowledged as a cornerstone of financial soundness and sustainable economic growth. Yet, corruption continues to undermine the efficiency of financial institutions by distorting credit allocation, weakening supervisory mechanisms, and increasing default risk.

This dissertation investigates the effect of corruption on bank risk using an unbalanced panel of 437 financial institutions from 39 countries over the period 2014–2024. Bank risk is measured through asset risk, which captures the volatility of stock returns adjusted for capital structure. Two institutional variables are central to the analysis: the Corruption Perceptions Index (CPI), a *proxy* for perceived institutional integrity and transparency, and the Corruption Risk Assessment (CRA), which reflects the adoption of formal mechanisms for assessing corruption risks. Additional controls include bank-specific characteristics (profitability, leverage, size, cost-income ratio, and asset diversity) and macroeconomic factors (GDP growth, inflation, level of interest rates and yield curve). The empirical estimation relies on the System Generalized Method of Moments, suitable for addressing endogeneity and unobserved heterogeneity in dynamic panels.

The results indicate that both CPI and CRA have negative and statistically significant effects on bank risk, suggesting that stronger institutional environments and preventive mechanisms mitigate banks' vulnerability. Among the controls, profitability is positively associated with risk, while leverage is negatively related, highlighting the importance of capitalization as a resilience factor.

Overall, the study underscores that strengthening institutional quality is crucial to reduce the adverse effects of corruption on bank risk. Beyond its academic contribution, it provides international empirical evidence and practical insights to guide policymakers in designing strategies aimed at reinforcing financial system resilience.

Keywords: Banking; Corruption; Financial system; Risk.

AGRADECIMENTOS

A concretização desta dissertação foi o culminar de todo o empenho, esforço e dedicação no âmbito académico destes últimos 2 anos. A sua elaboração só foi possível graças ao contributo, incentivo e apoio de algumas pessoas, a quem manifesto a minha profunda gratidão:

À minha esposa pelo apoio incondicional, companheirismo e motivação;

À minha mãe por tudo o que fez por mim;

Ao Prof. Doutor Tiago Mota Dutra, Prof. Doutor João Carlos Aguiar Teixeira e ao Prof. Doutor Tiago Filipe Almeida Matos, por terem aceitado ser os meus orientadores, pela sua disponibilidade, rigor académico e pelas valiosas sugestões que enriqueceram significativamente este trabalho.

Por fim, expresso igualmente o meu reconhecimento à Universidade dos Açores, em especial à Faculdade de Economia e Gestão, bem como a todos os docentes que contribuíram para a minha formação académica ao longo do mestrado.

ÍNDICE

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
AGRADECIMENTOS	iii
ÍNDICE	iv
LISTA DE TABELAS	v
LISTA DE FIGURAS	vi
LISTA DE ABREVIATURAS	vii
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA E FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES	3
2.1. O risco bancário	3
2.2. Variáveis explicativas do risco bancário	4
2.2.1 Variável dependente	4
2.2.2 Variável de interesse	4
2.2.3 Variáveis específicas do banco	6
2.2.4 Variáveis macroeconómicas	7
2.2.5 Fatores institucionais	7
2.3. A corrupção no setor bancário e o risco associado	8
2.4. Formulação das hipóteses	10
CAPÍTULO III – VARIÁVEIS E METODOLOGIA	12
3.1. Dados	12
3.2. Estatísticas descritivas	14
3.3. Modelo	16
CAPÍTULO IV – RESULTADOS	18
4.1 Resultados principais	18
4.2 Validade do modelo	19
4.3 Testes de robustez	20
4.3 Discussão	22
CAPÍTULO V – CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Fontes e definição das variáveis	13
Tabela 2. Estatísticas descritivas	14
Tabela 3. Média dos países desenvolvidos e em desenvolvimento (período: 2012-2024)...	15
Tabela 4. Regressão GMM (Model 1).....	18
Tabela 5. Regressão GMM (Model 2).....	20

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição mundial do CPI em 2024.....	5
Figura 2. Média anual do CPI em países desenvolvidos e países em desenvolvimento.....	15
Figura 3. Efeito marginal do CRA para todos os valores de CPI observados na amostra....	21

LISTA DE ABREVIATURAS

- CPI* – *Corruption Perception Index* (Índice de Percepção da Corrupção)
CRA – *Corruption Risk Assessment* (Avaliação do Risco de Corrupção)
GDP – *Gross Domestic Product* (Produto Interno Bruto – PIB)
GMM – *Generalized Method of Moments* (Método dos Momentos Generalizado)
IMF – *International Monetary Fund* (Fundo Monetário Internacional)
MENAP – *Middle East, North Africa, Afghanistan and Pakistan* (Médio Oriente, Norte de África, Afeganistão e Paquistão)
OECD – *Organisation for Economic Co-operation and Development* (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico)
ROA – *Return on Assets* (Rendibilidade dos Ativos)
ROE – *Return on Equity* (Rendibilidade dos Capitais Próprios)
UNDP – *United Nations Development Programme* (Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas)

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Os bancos ocupam uma posição estratégica enquanto intermediários do sistema financeiro, estes impulsionam a circulação monetária, canalizando os recursos entre agentes excedentários e deficitários, através da distribuição creditícia e afetação do capital.

A crise financeira global de 2007-2008 expôs fragilidades do sistema bancário internacional e mostrou como a interação entre fatores institucionais, regulamentares e comportamentais pode comprometer a estabilidade financeira. Desde então, as entidades bancárias têm operado num ambiente de grande incerteza, com condições de financiamento mais rígidas e regulamentação mais rigorosa. Estes ajustamentos estruturais na economia e as reformas do sistema financeiro tiveram um impacto na rentabilidade dos bancos e na sua sobrevivência a longo prazo (Teixeira *et al.*, 2020).

No contexto pós-crise, reformas regulamentares significativas foram implementadas globalmente, incluindo os Acordos de Basileia III, o *Dodd-Frank Act* nos Estados Unidos e as diversas diretivas europeias destinadas a fortalecer a resiliência do sistema financeiro. Contudo, a eficácia destas medidas tem sido questionada, particularmente em ambientes caracterizados por elevados níveis de corrupção e fraca proteção dos investidores (Dutra *et al.*, 2023).

A corrupção no setor bancário pode-se manifestar através de diversas formas, desde a concessão de crédito com base em conexões políticas e interesses pessoais, manipulação de informação financeira e avaliações de risco, favorecimento de clientes ligados a gestores ou acionistas, omissão deliberada de informações relevantes nos processos de decisão e desvio de recursos institucionais. Estas práticas corroem a integridade dos mecanismos de controlo interno, comprometem a qualidade da carteira de crédito e expõem os bancos a riscos acrescidos de incumprimento e perdas (Chen *et al.*, 2015; Jenkins *et al.*, 2021).

De salientar, que a corrupção no setor privado é, muitas vezes, difícil de detetar e sancionar, pois está enraizada na assimetria de informação, na opacidade dos processos internos e ineficácia dos sistemas de supervisão e auditoria. Neste contexto, a corrupção torna-se um fator estrutural de risco, com implicações diretas na estabilidade financeira e no desempenho das instituições.

A literatura empírica tem evidenciado que a corrupção constitui um fator prejudicial à estabilidade bancária pois agrava o risco de incumprimento e deteriora os indicadores

de solidez financeira (Bougatef, 2016). No entanto, estes efeitos não são uniformes, investigações recentes, mostram que o efeito negativo da corrupção é particularmente severo em instituições com carteiras de crédito mais vulneráveis, onde a fragilidade estrutural amplifica a probabilidade de incumprimento (Jenkins *et al.*, 2021).

Por outro lado, de acordo com Dutra *et al.* (2023), a existência de instituições políticas robustas e de mecanismos de supervisão eficazes exerce um papel moderador, capaz de mitigar a relação entre corrupção e o risco bancário.

A presente dissertação tem como objetivo principal analisar o efeito da corrupção no risco dos bancos, através de uma abordagem empírica suportada por uma base de dados que contempla 437 instituições bancárias provenientes de 39 países. Este estudo assume particular relevância no atual enquadramento económico e regulatório, em que a estabilidade financeira continua a ser uma prioridade das autoridades monetárias e de supervisão.

A dissertação está organizada em cinco capítulos. No Capítulo I, procede-se à introdução do tema, contextualização, objetivos e estrutura. O Capítulo II apresenta a revisão da literatura e a formulação das hipóteses. O Capítulo III descreve os dados, as estatísticas descritivas, o modelo e a metodologia utilizada. O Capítulo IV interpreta os resultados empíricos obtidos, a validade do modelo e regista testes de robustez. Por fim, o Capítulo V sintetiza as conclusões, implicações práticas e recomendações para futuras investigações.

CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA E FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES

2.1. O risco bancário

O risco bancário é uma das principais preocupações da literatura económica e financeira, não só pela sua relação direta com a estabilidade do sistema financeiro, mas também pela sua capacidade de influenciar o comportamento de supervisores, investidores e responsáveis políticos. O seu conceito pode englobar diversas vertentes de risco, como o risco de crédito, o risco de mercado, o risco operacional e o risco de liquidez, este geralmente é avaliado com base no nível de exposição dos bancos a perdas inesperadas e a sua capacidade de resistência a choques externos imprevistos.

A medição do risco bancário tem evoluído significativamente. Uma das abordagens utilizadas em estudos empíricos recentes, como o de Dutra *et al.* (2023), consiste na utilização de indicadores como o *asset risk*, que mede a volatilidade dos ativos e o *credit risk*, que avalia as provisões para perdas de empréstimos relativamente ao total de empréstimos concedidos.

No contexto bancário, a investigação académica identifica múltiplos fatores determinantes do risco. Ao nível microeconómico, variáveis como a alavancagem financeira, a rentabilidade, a eficiência operacional (medida pelo rácio *cost-to-income*), a diversificação de ativos e a dimensão do banco têm sido consistentemente analisadas. A evidência empírica mostra, por exemplo, que níveis mais elevados de alavancagem estão associados a uma maior exposição ao risco (Biase & D’Apolito, 2012), enquanto uma rentabilidade robusta tende a mitigar o risco, pelo facto de reforçar a capacidade dos bancos em absorver perdas (Athanasoglou *et al.*, 2008; Matos *et al.*, 2024).

Relativamente ao ambiente macroeconómico, o crescimento do PIB, a inflação, as taxas de juro e a inclinação da curva de rendimentos são fatores determinantes amplamente estudados devido ao seu impacto no risco das instituições financeiras. Por exemplo, em períodos de contração económica, observa-se geralmente um aumento dos incumprimentos e uma deterioração da qualidade dos ativos, conduzindo a um agravamento do risco de crédito (Albertazzi & Gambacorta, 2009; Pascual *et al.*, 2015). Por outro lado, políticas monetárias expansionistas podem incentivar a assunção de risco excessivo, fenómeno conhecido como "risk-taking channel" (Borio & Zhu, 2012).

A qualidade das instituições e a eficácia da regulação bancária desempenham também um papel determinante, de acordo com Matos *et al.* (2024), níveis mais elevados de supervisão e de exigência de capital tendem a mitigar o risco bancário, sobretudo quando combinados com sistemas judiciais eficazes e elevados padrões de proteção dos investidores. No entanto, os efeitos destas medidas não são uniformes, podendo variar conforme a estrutura de governação dos bancos e o contexto regulatório do país.

Em síntese, o risco bancário é moldado por uma combinação de fatores internos e externos, cuja complexidade analítica justifica a aplicação de modelos econométricos dinâmicos. A presente investigação adota esta abordagem para examinar em que medida a corrupção afeta o risco dos bancos.

2.2. Variáveis explicativas do risco bancário

A compreensão dos fatores que moldam o risco bancário requer uma análise sistemática das variáveis que determinam a exposição das instituições financeiras a perdas potenciais.

2.2.1 Variável dependente

Neste estudo, o risco bancário é aferido através do *asset risk*, uma métrica de mercado concebida para captar a volatilidade global dos ativos de uma instituição financeira. De acordo com Gropp e Heider (2010) e Matos *et al.* (2024), este indicador corresponde ao desvio-padrão anualizado dos retornos diários das ações, multiplicado pelo rácio entre o valor de mercado do capital próprio e o valor total do banco. Ao contrário de indicadores, como o rácio de crédito malparado (*non-performing loans*) ou o *Z-score*, o *asset risk* incorpora simultaneamente a perceção de risco dos investidores e a sensibilidade da instituição às flutuações do mercado. Desta forma, níveis mais elevados de *asset risk* traduzem-se em maior instabilidade na valorização dos ativos, refletindo vulnerabilidade acrescida à insolvência e menor capacidade de absorção de choques adversos.

2.2.2 Variável de interesse

O *Corruption Perception Index (CPI)* é um índice composto, construído a partir da agregação dos resultados de inquéritos e avaliações elaborados por várias instituições sobre a coordenação e orientação da *Transparency International*, com o objetivo de classificar os países de acordo com o grau em que a corrupção no setor público é

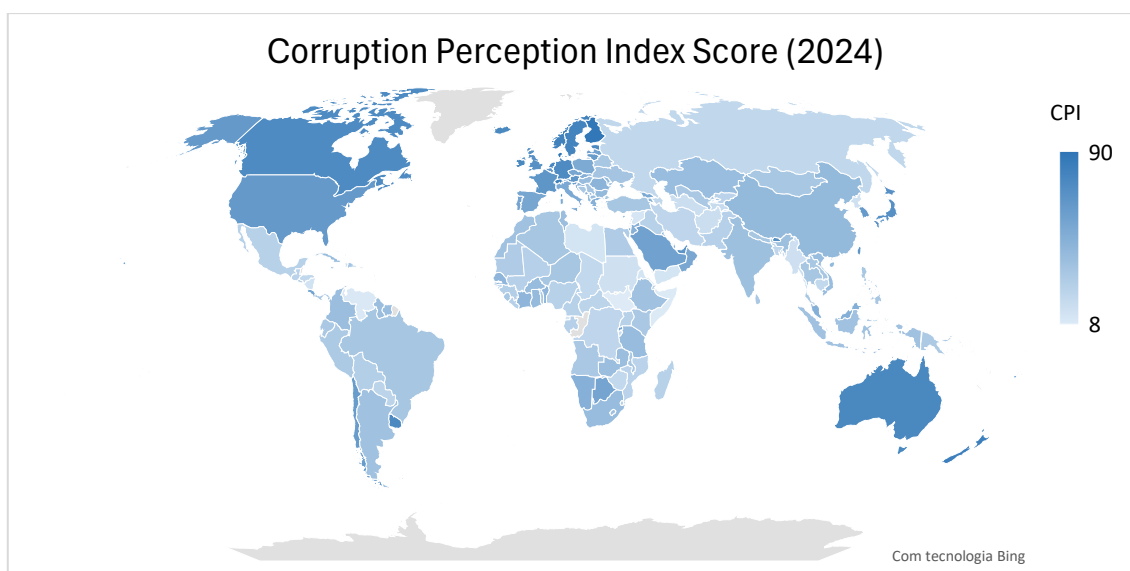
percebida. Este índice é publicado anualmente, desde 1995, sendo que os resultados são apresentados em forma de *ranking*, de acordo com a avaliação atribuída a cada país.

Desde 1995, o *CPI* era calculado numa escala de 0 a 10 pontos, em que 0 correspondia à percepção de corrupção total e 10 à percepção de ausência completa de corrupção. A partir de 2012, a metodologia foi revista e a escala passou a variar entre 0 e 100, permitindo uma avaliação mais detalhada e assegurando maior consistência e harmonização entre as diferentes fontes de dados utilizadas na construção do índice.

Neste estudo, o *CPI* é considerado uma variável de enquadramento institucional de carácter macro, refletindo o contexto em que os bancos estão inseridos e sendo utilizado como *proxy* da qualidade institucional e da transparência

A Figura 1, apresenta a pontuação do *CPI* atribuída pela *Transparency International* em 2024. Os valores variam entre 8 e 90, em que as cores mais escuras (valores mais elevados) representam países com melhores resultados (mais íntegros), enquanto que as tonalidades mais claras (valores mais baixos) identificam contextos de maior risco de corrupção. Sendo possível verificar através desta figura que países mais desenvolvidos tendem a ter um *CPI* mais elevado e os países em desenvolvimento um *CPI* menor.

Figura 1. Distribuição mundial do CPI em 2024



Fonte: *Transparency International*

Entre os países com melhor classificação encontram-se Dinamarca (90), Finlândia (88), Singapura (84) e Nova Zelândia (83). Em contraste, destacam-se países em situação de fragilidade política e económica, como Sudão do Sul (8), Somália (9), Venezuela (10) e Síria (12), cujas baixas pontuações evidenciam riscos sistémicos de corrupção.

A literatura evidencia que níveis mais elevados de corrupção estão associados a debilidades na governação, ineficácia dos mecanismos de supervisão e fragilidades no sistema de controlo interno. Em ambientes corruptos, é mais provável a concessão de crédito baseada em relações pessoais ou políticas, em vez de critérios de risco, o que aumenta a exposição a incumprimentos (Chen *et al.*, 2015; Jenkins *et al.*, 2021).

2.2.3 Variáveis específicas do banco

As variáveis microeconómicas espelham o perfil financeiro, a estratégia operacional e a estrutura interna de cada instituição. Entre as mais relevantes encontram-se:

Alavancagem (*leverage*): Representa a proporção entre a dívida total e o capital próprio. Uma alavancagem elevada indica maior exposição a perdas, podendo comprometer a solvabilidade do banco em cenários adversos (Biase & D’Apolito, 2012).

Dimensão (*size*): O tamanho do banco, geralmente medido pelo logaritmo dos ativos totais, pode influenciar o risco de forma ambígua. Se, por um lado, bancos maiores beneficiam de diversificação e de melhores condições de financiamento, por outro, tendem para assumir maior risco, confiando na perceção de apoio governamental implícito (*too-big-to-fail*) (Laeven *et al.*, 2015).

Rentabilidade (*profitability*): Indicadores como o *ROA* (*Return on Assets*) ou *ROE* (*Return on Equity*) captam a capacidade de a instituição gerar lucros de forma consistente. Níveis elevados de rentabilidade são geralmente associados a maior resiliência ao risco, pelo facto de proporcionarem maior flexibilidade à entidade para lidar com perdas inesperadas (Athanasoglou *et al.*, 2008; Pascual *et al.*, 2015).

Eficiência operacional (*cost-to-income ratio*): Este rácio é calculado dividindo os custos operacionais totais pelas receitas totais, medindo a eficiência na gestão de custos. Um rácio elevado revela ineficiência operacional e está empiricamente associado ao aumento do risco de crédito, refletindo deficiências na análise e acompanhamento dos empréstimos (Pascual *et al.*, 2015).

Diversificação de ativos (*asset diversity*): Mede a composição da carteira de ativos bancários. A diversificação de ativos está positivamente associada ao risco bancário, contrariando a teoria tradicional de carteiras e sugerindo que os potenciais custos associados à complexidade operacional podem superar os benefícios da diversificação (Matos *et al.*, 2024).

Risco de crédito (*credit risk*): Medido pela percentagem de crédito malparado, reflete diretamente a qualidade da carteira de empréstimos e a eficácia dos processos de análise e monitorização do risco.

2.2.4 Variáveis macroeconómicas

O contexto económico influencia o comportamento e o desempenho das instituições bancárias:

Crescimento económico (*gdp_growth*): Fases de expansão económica tendem a reduzir o risco bancário, enquanto períodos de recessão aumentam os incumprimentos e deterioram a qualidade dos ativos (Albertazzi & Gambacorta, 2009).

Inflação (*inflation*): O impacto da inflação no risco bancário depende da sua previsibilidade. Quando a inflação é prognosticada, os bancos podem ajustar preventivamente as taxas de juro dos seus empréstimos. Porém, quando é inesperada, pode comprometer o valor real dos ativos e alterar inesperadamente a capacidade de pagamento dos devedores, afetando negativamente a qualidade da carteira de crédito.

Taxas de juro (*level_interest_rates*): Taxas persistentemente baixas podem incentivar a assunção de riscos excessivos, na tentativa de manter níveis de rentabilidade, fenómeno designado por *risk-taking channel* (Borio & Zhu, 2012).

Inclinação da curva de rendimentos (*yield_curve*): A inclinação da curva de rendimentos, medida pelo diferencial entre as taxas de juro de longo e curto prazo, constitui um determinante importante da rentabilidade bancária. Quando a curva de rendimentos fica mais achatada ou invertida, a margem de intermediação reduz significativamente, podendo funcionar como um incentivo à tomada de risco, na medida em que os bancos procuram compensar a compressão das margens através de estratégias de maior risco (Teixeira *et al.*, 2020).

2.2.5 Fatores institucionais

Para além dos fatores financeiros e macroeconómicos, a literatura tem evidenciado a importância do enquadramento institucional:

Corruption Risk Assessment (*CRA*): O *CRA* trata-se de um mecanismo formal, destinado a avaliar e identificar os riscos de corrupção específicos de cada entidade, bem como definir medidas de prevenção e mitigação adequadas. A metodologia assenta nos princípios da gestão de risco e desenvolve-se em quatro etapas fundamentais:

identificação dos processos e áreas mais expostas; avaliação da probabilidade de ocorrência e do impacto de cada risco; definição de medidas de prevenção e mitigação, como mecanismos de controlo interno, auditoria ou reforço da transparência; e, por fim, monitorização contínua para aferir a eficácia das medidas aplicadas e proceder à sua atualização. Esta abordagem estruturada, descrita em guias internacionais como UNDP (2018) e OECD (2016), permite às organizações não apenas mapear as suas fragilidades, mas também criar sistemas dinâmicos de prevenção que reduzem a exposição à corrupção e reforçam a confiança institucional. Enquanto a literatura tradicional sobre corrupção e instituições financeiras recorre sobretudo a indicadores agregados de perceção, como o *CPI*, a integração do *CRA* oferece uma leitura mais específica, permitindo compreender de que forma a corrupção pode materializar-se em riscos concretos e de que forma a avaliação de riscos de corrupção contribui para a estabilidade das instituições financeiras.

Qualidade institucional geral: Refere-se ao conjunto de instituições que garantem o bom funcionamento do sistema, como tribunais eficazes, supervisores bancários independentes, governos transparentes e mecanismos de proteção de acionistas. Instituições fortes reforçam a eficácia da regulação e promovem comportamentos mais prudentes (Dutra *et al.*, 2023; Matos *et al.*, 2024). No presente estudo, esta dimensão é captada apenas indiretamente através do *CPI*.

Em suma, a análise do risco bancário requer a consideração conjunta destas variáveis. O presente estudo baseia-se nesta abordagem multifatorial para investigar o efeito da corrupção e das restantes variáveis mencionadas no risco dos bancos.

2.3. A corrupção no setor bancário e o risco associado

De acordo com Sousa (2011), a corrupção deve ser entendida como um “fenómeno de poder”. Esta pode-se manifestar através da utilização abusiva de posições de autoridade para obtenção de determinada vantagem ou benefício.

A literatura tem proposto diferentes tipologias, sendo que, de acordo com Boehm e Lambsdorff (2009) e Rose-Ackerman (2002), a corrupção pode dividir-se em quatro categorias principais: corrupção política, corrupção do sistema judicial, corrupção administrativa e corrupção privada. Cartier-Bresson (1997), com base na análise de Rose-Ackerman (2002), propõe que a corrupção legislativa deve ser vista como uma extensão da corrupção política, dada a proximidade entre os fenómenos político e judicial. Deste modo, e de acordo com grande parte da literatura, a corrupção pode ser sintetizada em duas grandes dimensões: corrupção no setor público e corrupção no setor privado.

A corrupção nas instituições financeiras manifesta-se através de práticas que comprometem os processos de tomada de decisão no crédito, afetando a avaliação adequada da qualidade creditícia dos mutuários e contribuindo para o deterioramento da carteira de empréstimos (Jenkins *et al.*, 2021). Estas práticas são caracterizadas pela ausência de transparência, registos incompletos e decisões pouco auditáveis, favorecendo decisões imprudentes ou mesmo fraudulentas e impedindo uma supervisão eficaz. Como consequência, aumenta-se a exposição ao risco de crédito, bem como o risco de insolvência da própria instituição.

Empiricamente, a investigação mostra que os efeitos da corrupção sobre o risco bancário não são homogêneos entre instituições. Jenkins *et al.* (2021), utilizando uma regressão quantílica com dados de bancos comerciais em países da região *MENAP* (*Middle East, North Africa, Afghanistan and Pakistan*), demonstra que o impacto da corrupção é mais significativo em bancos que já apresentam níveis elevados de risco de crédito. Ou seja, quanto maior a vulnerabilidade da instituição, maior é a sua exposição aos efeitos negativos da corrupção, sendo estes refletidos em rácios mais altos de crédito malparado.

Estudos adicionais confirmam que a corrupção compromete a eficiência na alocação do crédito, prejudica a monitorização dos empréstimos e aumenta a probabilidade de incumprimento. Isto ocorre tanto pelo lado da oferta, com empréstimos concedidos a clientes com reduzida capacidade de pagamento, por razões extraeconómicas, como do lado da procura, em que os mutuários desenvolvem uma maior propensão para incumprimento das obrigações creditícias, aproveitando-se da perceção de que existe impunidade e tolerância institucional face a estas práticas (Bougatef, 2016).

Além disso, a corrupção tem implicações negativas sobre indicadores agregados de estabilidade bancária, nomeadamente o *Z-score*, que mede a distância até à insolvência. Dados empíricos demonstram que níveis elevados de corrupção estão associados a menores valores de *Z-score*, indicando que as instituições financeiras ficam mais vulneráveis quando expostas a maiores níveis de corrupção. Este efeito persiste mesmo após o controlo por variáveis como o risco de liquidez, o risco de financiamento e a dimensão do banco (Chen *et al.*, 2015).

A relação entre corrupção e risco bancário também pode ser analisada através do *asset risk*, este indicador de mercado combina a volatilidade dos retornos dos acionistas com a estrutura de capital do banco. Embora a evidência empírica direta sobre a relação entre

CPI e *asset risk* seja limitada, a literatura sugere que níveis elevados de corrupção, captados por valores reduzidos no *CPI*, podem gerar maior instabilidade nos retornos e fragilizar a confiança dos investidores. Esta relação é suportada pela evidência empírica que demonstra que em países com menor integridade institucional, os bancos tendem a apresentar níveis mais elevados de risco de crédito, calculados através de indicadores como os rácios de crédito malparado ou pelo *Z-score*, refletindo um contexto de maior incerteza e fragilidade no sistema financeiro (Houston *et al.*, 2011; Park, 2012).

Por outro lado, contextos institucionais mais robustos, traduzidos em níveis mais elevados de *CPI*, estão associados a menor risco bancário, conforme demonstrado através de medidas como o *Z-score* e a qualidade da carteira de crédito. Este efeito sugere que a qualidade institucional contribui para reduzir a perceção de risco e fortalecer a estabilidade dos bancos, funcionando como um mecanismo protetor contra perturbações desfavoráveis do mercado. Neste contexto, o *CPI* assume particular relevância ao captar a influência sistémica da corrupção no risco dos bancos, servindo como complemento aos indicadores tradicionais de risco creditício ao refletir também dimensões mais amplas de governação e estabilidade institucional (Laeven & Levine, 2009; Chen *et al.*, 2015).

A literatura sublinha, por fim, que a relação entre corrupção e risco bancário é significativamente agravada pela ausência de mecanismos de responsabilização, transparência e boa gestão dentro das próprias instituições financeiras. Em contextos onde estas fragilidades estruturais coexistem com ambientes institucionais permissivos, a corrupção pode tornar-se um elemento sistémico e endémico, com impactos profundos na estabilidade financeira (Park, 2012; Beck *et al.*, 2006).

2.4. Formulação das hipóteses

Com base na revisão da literatura apresentada, que analisa o impacto da corrupção, das condições macro e microeconómicas e dos fatores institucionais sobre o risco bancário, são formuladas as seguintes hipóteses de investigação:

H1: A corrupção exerce um efeito positivo e estatisticamente significativo sobre o risco dos bancos.

Justificação: A corrupção distorce os processos de concessão de crédito, enfraquece os mecanismos de controlo interno e compromete os mecanismos de supervisão, conduzindo a uma maior exposição ao risco (Chen *et al.*, 2015; Jenkins *et al.*, 2021).

H2: A existência de um mecanismo formal de avaliação de riscos de corrupção, reduz o efeito da corrupção no risco dos bancos.

Justificação: A adoção de instrumentos formais de avaliação de riscos de corrupção permite às entidades bancárias identificar vulnerabilidades específicas e implementar medidas preventivas. Estudos como os da *OECD* (2016) e do *UNDP* (2018) sublinham que metodologias sistemáticas de avaliação de riscos de corrupção aumentam a resiliência institucional.

Estas hipóteses serão testadas empiricamente utilizando um modelo dinâmico de dados em painel no Capítulo III.

CAPÍTULO III – VARIÁVEIS E METODOLOGIA

3.1. Dados

A componente empírica deste estudo assenta num painel anual de dados financeiros de instituições bancárias, recolhidos para o período compreendido entre os anos de 2014 e 2024. A amostra inclui um total de 437 instituições bancárias provenientes de 39 países, o que permite uma análise comparativa entre geografias e contextos regulamentares distintos. A construção do painel teve por base 13 variáveis, que contém observações anuais ao nível de cada banco, identificado por país, ano e código de consolidação.

Os dados foram recolhidos a partir de diversas bases de dados, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Fontes e definição das variáveis

<i>Variable</i>	<i>Description</i>	<i>Source</i>
<i>Banks' risk</i>		
<i>Asset Risk</i>	Annualized standard deviation of daily stock price returns times the market value of equity over the market value of the bank	<i>Thompson Reuters Datastream, Bankfocus database, and author's calculations</i>
<i>Credit Risk</i>	Provisions for loan losses to total loans	<i>Bankfocus database, and author's calculations</i>
<i>Variable of interest</i>		
<i>Corruption Perception Index</i>	Index that measures perceived corruption in the public sector, ranging from 0 (highly corrupt) to 100 (very clean)	<i>Transparency International</i>
<i>Bank specific variables</i>		
<i>Profitability (%)</i>	Profit after interest expenses over the book value of assets	<i>Bankfocus database, and author's calculations</i>
<i>Leverage (%)</i>	Book value of total liabilities over total assets, measured in market terms, that is, as the sum of the market value of equity and the book value of total liabilities	<i>Bankfocus database, and author's calculations</i>
<i>Size</i>	Natural logarithm of the book value of total assets	<i>Bankfocus database, and author's calculations</i>
<i>Cost-income ratio</i>	Operating costs or non-interest costs over net operating income	<i>Bankfocus database, and author's calculations</i>
<i>Asset diversity</i>	Measures the diversification across different types of assets and is given by $1 - \frac{[\text{net loans} - \text{other earnings assets}]}{[\text{total earnings assets}]}$	<i>Bankfocus database, and author's calculations</i>
<i>Corruption Risk Assessment</i>	Dummy variable that identifies whether institutions adopt a formal corruption risk assessment mechanism, based on the systematic evaluation of probability and impact of corruption risks	<i>Refinitiv Datastream</i>
<i>Macroeconomic variables</i>		
<i>GDP Growth (%)</i>	Annual percentage change of gross domestic product (GDP)	<i>Muller et al. (2025), and authors' calculations</i>
<i>Inflation (%)</i>	Annual percentage change in the consumer price index (CPI)	<i>Muller et al. (2025), and authors' calculations</i>
<i>Level of interest rates (%)</i>	10-year yield rate on government bonds	<i>Bloomberg database</i>
<i>Yield Curve</i>	Slope of the yield curve, measured as the difference between the 10-year government bond yield and the 1-year government bond yield	<i>Bloomberg database</i>

A amostra inclui bancos cotados em bolsa, tanto bancos comerciais como as *holdings* dos bancos, excluindo-se as entidades que apresentaram valores de capital próprio negativo no respetivo ano. Todas as variáveis ao nível do banco foram *winsorizadas* nos percentis de 1% e 99% de forma a mitigar a influência de valores extremos, seguindo a prática comum na literatura (Gropp & Heider, 2010; Ashraf, 2017; Matos *et al.*, 2024).

A estrutura do painel é não balanceada, refletindo a entrada e saída de instituições ao longo do tempo, bem como a disponibilidade de dados por banco e ano. Esta base de dados constitui um instrumento sólido para a análise dos principais fatores explicativos do *asset risk* nas entidades bancárias.

3.2. Estatísticas descritivas

A Tabela 2, apresenta as estatísticas descritivas das variáveis utilizadas no estudo, apresentando o número de observações, a média, o desvio-padrão, os valores mínimos e máximos, bem como os percentis 10, 50 e 90.

Tabela 2. Estatísticas descritivas

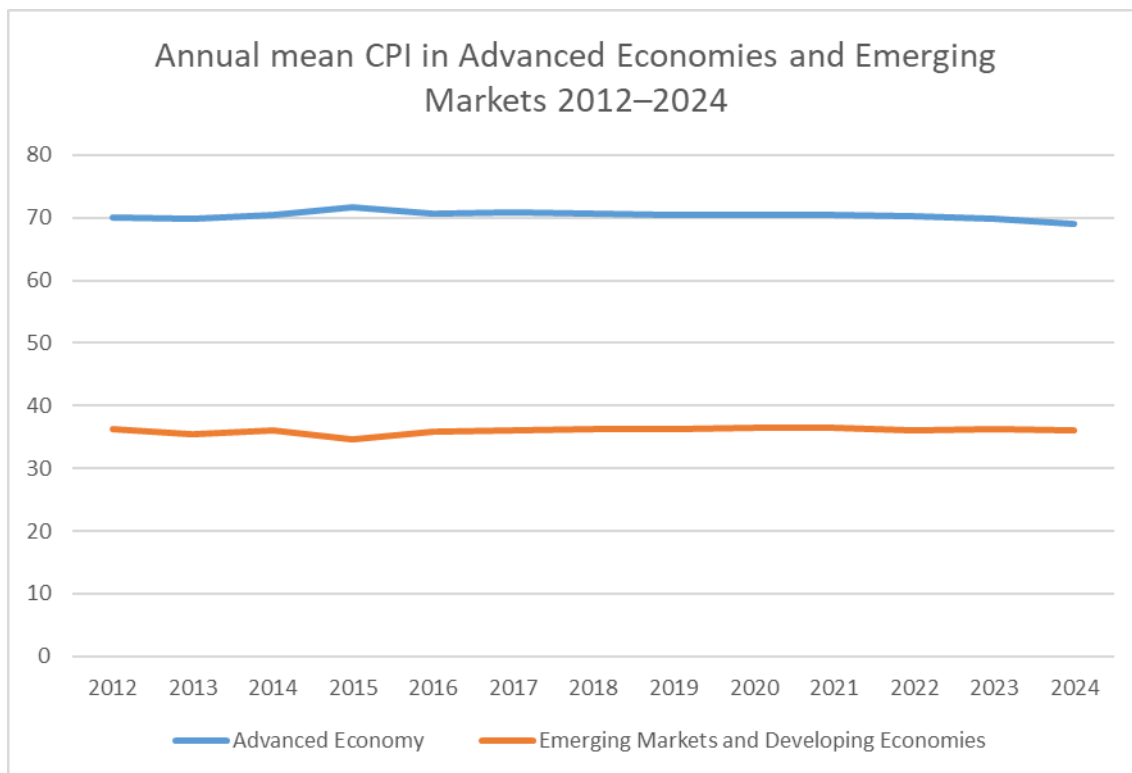
	N	Mean	St. Dev.	Min.	Max.	Distribution		
						10th	50th	90th
Banks' risk								
<i>Asset Risk</i>	3 142	6.260791	37.06833	0.0	953.0291	0.0147557	0.2900827	3.856812
<i>Credit Risk</i>	3 142	2.457456	4.807856	0.0	115.9079	0.4674406	1.253172	4.744678
Variable of interest								
<i>Corruption Perception Index</i>	3 142	65.29217	14.48502	24.0	92.0	40.0	69.0	77.0
Bank specific variables								
<i>Profitability (%)</i>	3 142	1.375706	1.757897	-32.81961	16.3706	0.4603042	1.29177	2.393172
<i>Leverage (%)</i>	3 142	86.24936	11.5783	11.83513	99.96693	76.74869	88.19277	97.16623
<i>Size</i>	3 142	23.56928	2.111119	16.50227	29.25066	21.20366	23.28205	26.61407
<i>Cost-income ratio</i>	3 142	60.09569	41.0248	-1307.256	635.371	41.41528	60.60047	77.99353
<i>Asset diversity</i>	3 142	0.3639383	0.2368907	6.06e-07	1.734761	0.1443021	0.296874	0.7537216
Macroeconomic variables								
<i>GDP Growth</i>	3 142	2.559914	2.901242	24.59678	11.33396	-1.163968	2.52369	6.05511
<i>Inflation</i>	3 142	2.855387	6.171659	-1.247952	221.3416	0.2348368	2.0	6.299622
<i>Level of interest rates (%)</i>	3 142	2.69375	3.282308	0.569	101.902	0.556	2.407	3.942
<i>Yield Curve</i>	3142	0.1161331	20.86622	-816.445	3.931	-0.854	0.662	1.955

A variável dependente, *asset risk*, apresenta uma média de 6,26, com desvio padrão de 37,07, mínimo de 0 e máximo de 953,03, refletindo elevada dispersão e a presença de bancos em contextos de risco muito diferentes. O *credit risk*, regista média de 2,46 e desvio padrão de 4,81, variando entre 0 e 115,91.

No que respeita à variável de interesse, o *CPI* apresenta média de 65,29 pontos, com desvio padrão de 14,49, variando entre 24 e 92, refletindo a diversidade de países da amostra. O maior valor de *CPI* (92) foi alcançado pela Dinamarca em 2014, em contraste, o menor foi de 24 registado pelo Líbano em 2023.

Conforme é possível verificar na Figura 2 e na Tabela 3, a corrupção é mais percebida nos países em desenvolvimento do que nos países desenvolvidos, onde o índice atinge quase o dobro (69 face a 36 pontos, respetivamente).

Figura 2. Média anual do CPI em países desenvolvidos e países em desenvolvimento



Fonte: *International Transparency* e cálculos do autor

Tabela 3. Média dos países desenvolvidos e em desenvolvimento (período: 2012-2024)

Mean CPI (2012-2024)	
<i>Advanced Economy</i>	69
<i>Emerging Markets and Developing Economies</i>	36

Relativamente às variáveis específicas do banco, a *profitability* regista uma média de 1,38% e desvio padrão de 1,76 p.p., com valores negativos em alguns casos. A *leverage* apresenta média de 86,25% e desvio padrão de 11,58 p.p. A variável *size* apresenta média de 23,57. O *cost-to-income ratio* regista uma média de 60,10%, refletindo diferenças significativas de eficiência operacional e a *asset diversity* apresenta média de 0,364, com dispersão considerável entre bancos.

Relativamente às variáveis macroeconómicas, o *gdp growth* apresenta média de 2,56%, enquanto a *inflation* média é de 2,86%; o *level of interest* médio é de 2,69%; e a

yield curve tem média próxima de zero (0,116), mas com elevada variabilidade, incluindo episódios de inversão acentuada.

Esta caracterização evidencia a heterogeneidade da amostra, tanto ao nível das características internas dos bancos como das condições macroeconómicas e institucionais, o que justifica a utilização de metodologias econométricas adequadas para lidar com esta diversidade e mitigar problemas de endogeneidade e heterogeneidade não observada.

3.3. Modelo

Dada a natureza da variável dependente (*asset risk*) e a evidência de persistência temporal no risco bancário (Berger *et al.*, 2017; Matos *et al.*, 2024), optou-se por um modelo dinâmico, que inclui a variável dependente defasada como regressor. A presença desta variável gera endogeneidade mecânica (Nickell bias) e, adicionalmente, outras variáveis explicativas podem apresentar problemas de endogeneidade, nomeadamente quando existe influência mútua entre variáveis (simultaneidade) ou quando a variável dependente também influencia as explicativas (causalidade reversa), exigindo uma metodologia econométrica adequada para obter estimativas consistentes.

Assim, recorre-se ao estimador *System Generalized Method of Moments (System GMM)* desenvolvido por Arellano e Bover (1995) e Blundell e Bond (1998). Este estimador combina equações em primeiras diferenças com equações em níveis, utilizando variáveis instrumentais internas (*lags* das variáveis endógenas) e externas (variáveis estritamente exógenas) para obter estimativas consistentes.

$$\begin{aligned} Asset_Risk_{i,j,t} = \\ \alpha Asset_Risk_{i,j,t-1} + \beta_1 CPI_{j,t} + \beta_2 X_{i,t} + \beta_3 Z_{j,t} + \gamma_t + \epsilon_{i,t} \end{aligned} \quad (1)$$

onde:

$Asset_Risk_{i,j,t}$ é a medida de risco dos ativos do banco i , localizado no país j , no ano t ; $CPI_{j,t}$ representa o índice de perceção de corrupção do país j ; $X_{i,t}$ é o vetor de variáveis específicas do banco i , localizado no país j , para o ano t (rentabilidade, alavancagem, dimensão, eficiência operacional e diversificação de ativos); $Z_{j,t}$ é o vetor de variáveis macroeconómicas (crescimento do PIB, inflação, nível das taxas de juro e inclinação da curva de rendimentos) para o país j no ano t ; γ_t são efeitos fixos de ano; ϵ_{it} corresponde

ao componente do erro específico de cada observação que não é explicado pelas variáveis do modelo.

Para assegurar a robustez dos resultados, foram realizados os testes de *Arellano-Bond* para detetar a presença de autocorrelação de primeira e segunda ordem nas primeiras diferenças, bem como testes de *Hansen e Sargan* com o objetivo de verificar a validade global dos instrumentos utilizados. Adicionalmente, procedeu-se ao colapso das matrizes de instrumentos, conforme recomendado por Roodman (2009), de modo a mitigar o risco de sobreidentificação excessiva.

O método *two-step System GMM* é utilizado, com erros-padrão robustos corrigidos para heteroscedasticidade e autocorrelação, permitindo maior eficiência das estimativas (Windmeijer, 2005).

A estimação do modelo é realizada a partir do software estatístico, *Stata*, utilizando o comando *xtabond2*.

Este modelo permite, assim, uma análise estatisticamente robusta do risco dos bancos, considerando simultaneamente as especificidades das instituições, o enquadramento económico e a evolução temporal dos principais indicadores de desempenho.

CAPÍTULO IV – RESULTADOS

Este capítulo apresenta e discute os resultados da estimação do modelo econométrico dinâmico, estimado através do método *System GMM*, com o objetivo de analisar a relação entre a percepção de corrupção e o risco bancário. A escolha desta metodologia justifica-se pela necessidade de lidar com problemas de endogeneidade, heterogeneidade não observada e enviesamento dinâmico, amplamente documentados na literatura sobre risco bancário (Matos *et al.*, 2024; Pascual *et al.*, 2015; Laeven & Levine, 2009).

4.1 Resultados principais

A Tabela 4 apresenta os resultados do modelo final estimado.

Tabela 4. Regressão *GMM* (Model 1)

Model 1	
Dependent variable	Asset Risk
<i>Lagged dependent variable</i>	-0.271*** (0.015)
Variable of interest	
<i>Corruption Perception Index</i>	-0.210*** (0.073)
Bank-specific variables	
<i>Profitability</i>	0.910 (0.632)
<i>Leverage</i>	-0.582*** (0.193)
<i>Size</i>	1.400 (1.010)
<i>Cost-income ratio</i>	0.017 (0.019)
<i>Asset Diversity</i>	-15.122* (8.491)
Macroeconomic variables	
<i>GDP Growth</i>	-0.681** (0.283)
<i>Inflation</i>	-0.445* (0.257)
<i>Level of interest rates</i>	0.557 (0.680)
<i>Yield Curve</i>	3.202*** (0.906)
<i>Year dummies</i>	Yes
Pre-validation tests	
<i>Sargan-Hansen test</i>	0.564
<i>Arellano-Bond test for AR (2)</i>	0.154

O coeficiente da variável dependente defasada: $Asset_{Risk(t-1)}$ é negativo e estatisticamente significativo (-0,271; $p < 0,01$), confirmando a existência de persistência

temporal no risco bancário, mas sugerindo que níveis elevados de risco no passado tendem a ser parcialmente corrigidos ao longo do tempo.

A variável de interesse *CPI* apresenta coeficiente negativo e estatisticamente significativo (-0,210; $p < 0,01$), indicando que um aumento na percepção de integridade institucional (maior *CPI*) está associado a uma redução do risco dos ativos bancários. Este resultado é consistente com a literatura que documenta que a qualidade do ambiente institucional e menores níveis de corrupção percebida fortalecem a estabilidade financeira (Bougatef, 2016; Park, 2012).

No grupo das variáveis específicas do banco, a variável *leverage* tem efeito negativo e significativo (-0,582; $p < 0,01$), sugerindo que bancos com maior proporção de capital próprio face aos ativos apresentam menor risco. Este resultado alinha-se com estudos que evidenciam que uma maior capitalização contribui para absorver choques adversos (Berger & Bouwman, 2013). Já as variáveis *profitability*, *size* e *cost-to-income ratio* não apresentam significância estatística. A variável *asset diversity* exibe coeficiente negativo (-15,122; $p < 0,10$), sugerindo que carteiras mais diversificadas tendem a reduzir o risco, embora a significância desta variável seja marginal.

No que concerne às variáveis macroeconômicas, o *gdp growth* apresenta um coeficiente negativo e significativo (-0,681; $p < 0,05$), demonstrando que condições econômicas mais favoráveis estão associadas a menor risco bancário. De forma semelhante, a *inflation* tem coeficiente negativo (-0,445; $p < 0,10$), sugerindo que níveis mais elevados de inflação (possivelmente dentro de intervalos moderados) podem estar associados a menor risco. Por outro lado, a variável *yield curve* apresenta coeficiente positivo e significativo (3,202; $p < 0,01$), sugerindo que períodos de inclinação acentuada podem sinalizar aumento de risco percebido nos ativos bancários, possivelmente por antecipação de alterações no ciclo monetário. O *level of interest rate* não apresentou significância estatística.

4.2 Validade do modelo

Os testes de diagnóstico confirmam a adequação do modelo estimado. O teste de *Arellano-Bond* não rejeita a hipótese nula de ausência de autocorrelação de segunda ordem nos resíduos ($p = 0,154$), garantindo a validade das condições de momento. O teste de *Hansen* ($p = 0,564$) não rejeita a validade global dos instrumentos utilizados, indicando ausência de sobreidentificação problemática.

4.3 Testes de robustez

De forma a assegurar a consistência dos resultados obtidos, procedeu-se à estimação de um segundo modelo como teste de robustez, apresentado na Tabela 5. O *model 2* utiliza como variável dependente defasada o *asset risk* e inclui, para além das variáveis utilizadas no modelo base (*model 1*), a incorporação do *CRA* e da sua interação com o *CPI*.

Tabela 5. Regressão *GMM* (*Model 2*)

	<i>Model 2</i>
<i>Dependent variable</i>	<i>Asset Risk</i>
<i>Lagged dependent variable</i>	0.971*** (0.0488)
<i>Variable of interest</i>	
<i>Corruption Perception Index</i>	-0.408*** (0.0830)
<i>Corruption Risk Assessment</i>	-56.786*** (3.9420)
<i>CPI × CRA (interaction)</i>	0.835*** (0.0648)
<i>Bank-specific variables</i>	
<i>Profitability</i>	3.312*** (1.1542)
<i>Leverage</i>	-0.408** (0.1923)
<i>Size</i>	-0.531 (0.7656)
<i>Cost-income ratio</i>	0.055 (0.0572)
<i>Asset Diversity</i>	9.853 (6.7061)
<i>Macroeconomic variables</i>	
<i>GDP Growth</i>	-0.166 (0.1138)
<i>Inflation</i>	-0.887** (0.3429)
<i>Level of interest rates</i>	-1.201 (0.8240)
<i>Yield Curve</i>	1.864*** (0.5504)
<i>Year dummies</i>	Yes
<i>Pre-validation tests</i>	
<i>Sargan-Hansen test</i>	0.896
<i>Arellano-Bond test for AR (2)</i>	0.178

Relativamente às variáveis de interesse, os resultados confirmam que o *CPI* mantém um efeito negativo e altamente significativo (-0.408; $p < 0.01$), confirmando que níveis

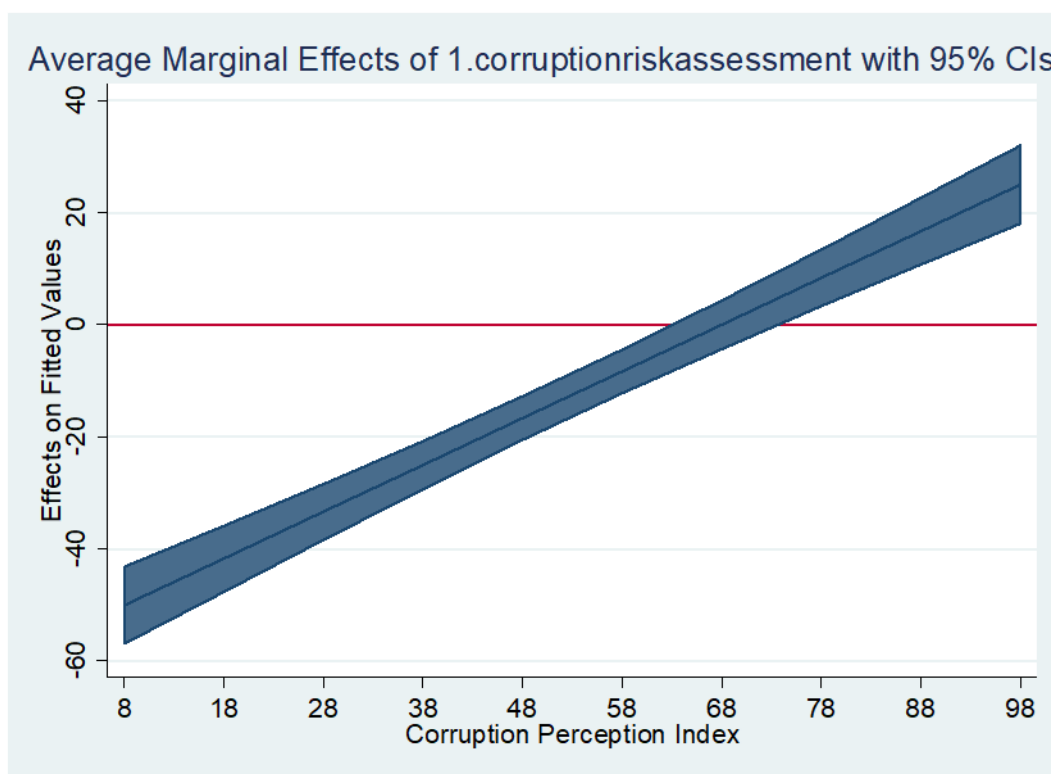
mais elevados de integridade institucional estão associados a uma redução do risco bancário.

O *CRA*, apresenta um coeficiente negativo e altamente significativo (-56.786; $p < 0.01$), sugerindo que a adoção de mecanismos formais de avaliação de riscos de corrupção contribui de forma expressiva para mitigar o *asset risk*.

Importa ainda destacar a interação positiva e significativa entre *CPI* e *CRA* (0.835; $p < 0.01$), o que evidencia que o impacto positivo do *CRA* é particularmente relevante em contextos de maior integridade institucional, reforçando o efeito moderador da qualidade institucional na relação entre corrupção e risco.

Conforme explanado na Figura 3, o facto de uma instituição bancária conter um *CRA* implementado, apenas reflete uma redução no risco dos bancos, em países percecionados como menos corruptos, com índice acima de 78. Em países com *CPI* inferior a 78, esse efeito não se verifica.

Figura 3. Efeito marginal do *CRA* para todos os valores de *CPI* observados na amostra



Os testes de diagnóstico confirmam a adequação do modelo, sendo possível apurar através dos resultados obtidos que não se verifica autocorrelação de segunda ordem

(*Arellano-Bond AR(2)*, $p=0.178$) e que os instrumentos são validados pelo teste de *Hansen* ($p=0.896$), garantindo a consistência das estimativas.

4.3 Discussão

Os resultados empíricos obtidos no modelo base, confirmam a relevância da qualidade institucional na determinação do *asset risk*. A variável de interesse, *CPI*, apresenta um coeficiente negativo e estatisticamente significativo, demonstrando que países com maior transparência e integridade institucional registam bancos menos expostos ao risco. Estes resultados corroboram a literatura que documenta a ligação entre corrupção e fragilidade financeira (Park, 2012; Bougatef, 2016), reforçando a ideia de que sistemas institucionais sólidos funcionam como barreiras a exposições excessivas de risco.

Entre as variáveis específicas dos bancos a *leverage* apresenta coeficiente negativo e significativo, confirmando que níveis mais elevados de capitalização funcionam como amortecedores contra perturbações económicas adversas, em linha com Berger e Bouwman (2013). A variável *asset diversity* também apresenta coeficiente negativo e significativo, demonstrando que bancos que apresentam uma ampla diversificação dos seus ativos tendem a reduzir a sua exposição ao risco. Em contrapartida, variáveis como *profitability*, *size* e *cost-to-income ratio* não revelaram significância estatística, espelhando a evidência mista da literatura, onde o efeito destas dimensões sobre o risco bancário depende frequentemente do enquadramento institucional e das especificidades regionais (Laeven *et al.*, 2016; DeYoung & Torna, 2013).

Ao nível macroeconómico, destacam-se três resultados principais. O *gdp growth* apresenta coeficiente negativo e significativo, corroborando que contextos de maior crescimento económico mitigam o risco bancário, em linha com Albertazzi e Gambacorta (2009). A variável *inflation* regista igualmente coeficiente negativo e estatisticamente significativo, sugerindo que níveis mais elevados de inflação (possivelmente dentro de intervalos moderados) podem estar associados a menor risco. Por outro lado, a estrutura temporal das taxas de juro, *yield curve*, exhibe um coeficiente positivo e significância estatística, demonstrando que uma inclinação mais acentuada da curva podem sinalizar maior instabilidade futura, em consonância com estudos que associam variações na estrutura temporal das taxas de juro às expectativas de risco (Borio & Zhu, 2012). Já o *level of interest rates* não apresentou significância estatística, sugerindo que, no período

em análise (2014–2024), a variação das taxas de juro de curto prazo não foi determinante para o *asset risk*.

No que concerne às variáveis incorporadas no *model 2*, a variável *CRA*, revela um efeito negativo e estatisticamente significativo, indicando que a adoção de mecanismos formais de avaliação de riscos de corrupção contribui para reduzir a exposição ao risco. Este resultado está em consonância com a literatura aplicada à gestão de risco institucional (UNDP, 2018; OECD, 2016). Importa ainda destacar o efeito positivo e significativo da interação entre *CPI* e *CRA*, que evidencia que os mecanismos de avaliação de riscos de corrupção apenas são eficazes em contextos institucionais robustos.

A discussão revela, assim, que os resultados do estudo se harmonizam com grande parte da literatura consolidada, como também acrescenta um contributo inovador ao introduzir o *CRA* como variável explicativa, ampliando a compreensão da relação entre corrupção e o risco no setor bancário.

CAPÍTULO V – CONCLUSÃO

Os resultados obtidos demonstram a importância do ambiente e da integridade institucional na mitigação do risco bancário. O coeficiente negativo e estatisticamente significativo do *CPI* evidencia que contextos institucionais mais íntegros se correlacionam com menores níveis de risco dos ativos.

De forma complementar, a inclusão do *CRA* corrobora esta evidência, demonstrando que a adoção de mecanismos formais de avaliação de riscos de corrupção fortalece a estabilidade do sistema financeiro. O efeito da interação entre *CPI* e *CRA* sugere que estes mecanismos apenas são eficazes em contextos de ambientes institucionais bastante transparentes e robustos (países com *CPI* superior a 78), sublinhando o papel da qualidade institucional na redução do risco dos bancos.

Relativamente, às variáveis específicas dos bancos, a alavancagem apresenta um coeficiente negativo e significativo, indicando que instituições financeiras com estruturas de capital mais robustas ostentam maior capacidade de resistência a choques adversos. A diversificação de ativos também revela um efeito negativo e significância estatística, demonstrando que carteiras mais diversificadas podem contribuir para a redução do risco bancário. Por sua vez, variáveis como a rentabilidade, a dimensão e a eficiência operacional não apresentaram significância estatística, alinhando-se com a literatura ambígua existente.

No plano macroeconómico, os resultados mostram que o crescimento económico e a inflação estão associados a uma redução do risco bancário, sendo ambos negativos e estatisticamente significativos. Em contraste, a inclinação da curva de rendimentos apresenta um efeito positivo e altamente significativo, indicando que períodos de forte inclinação podem ser interpretados como sinal de maior instabilidade futura. Já o nível das taxas de juro não se revelou estatisticamente significativo no período em análise.

Do ponto de vista prático, as conclusões obtidas fornecem contributos relevantes para diferentes grupos de *stakeholders*. No que respeita aos reguladores e supervisores, a evidência sublinha a importância de reforçar a integridade institucional e promover mecanismos de prevenção da corrupção, de modo a assegurar maior estabilidade financeira. Quanto aos decisores políticos, os resultados confirmam que políticas orientadas para a transparência, a independência das entidades de supervisão e a eficácia dos sistemas judiciais são fundamentais para mitigar riscos dos bancos e o colapso financeiro. Relativamente ao sector bancário, as conclusões destacam a necessidade de

integrarem práticas robustas de controlo e de gestão de risco, reconhecendo que a sua estabilidade não depende apenas de fatores internos ou macroeconómicos, mas também do contexto institucional em que se inserem.

No entanto, importa reconhecer limitações que condicionam a generalização dos resultados. Em primeiro lugar, a utilização do *CPI*, ainda que amplamente aceite, mede perceções e não a incidência real da corrupção, podendo sofrer enviesamentos culturais ou contextuais. Em segundo lugar, o *CRA* foi operacionalizado como variável binária de adoção, não refletindo a intensidade nem a qualidade da sua implementação, o que restringe a sua capacidade explicativa. Não obstante, a utilização combinada destas variáveis contribuiu para atenuar estas fragilidades, já que o *CPI* forneceu uma perspetiva macro e transversal sobre a integridade institucional, enquanto o *CRA* permitiu captar mecanismos formais de prevenção da corrupção a nível organizacional. Assim, o modelo beneficiou de uma visão mais abrangente, reduzindo as limitações inerentes ao uso exclusivo de cada indicador.

Em suma, este estudo evidencia que a corrupção não constitui apenas um problema ético ou político, mas um fator estrutural com implicações diretas sobre a solidez e a estabilidade das instituições bancárias. Para além da sua contribuição académica, os resultados desta dissertação deixam uma mensagem inequívoca para reguladores, decisores políticos e instituições financeiras: a estabilidade bancária e o desenvolvimento económico só podem ser sustentados em contextos de confiança, transparência e governação responsável. Neste sentido, o reforço de mecanismos eficazes de prevenção da corrupção deve ser encarado não como um mero requisito regulatório, mas como um investimento estratégico e indispensável para o futuro do sistema financeiro global.

REFERÊNCIAS

- Albertazzi, U., & Gambacorta, L. (2009). Bank profitability and the business cycle. *Journal of Financial Stability*, 5(4), 393–409. <https://doi.org/10.1016/j.jfs.2008.10.002>
- Arellano, M., & Bover, O. (1995). Another look at the instrumental variable estimation of error-components models. *Journal of Econometrics*, 68(1), 29–51. [https://doi.org/10.1016/0304-4076\(94\)01642-D](https://doi.org/10.1016/0304-4076(94)01642-D)
- Ashraf, B. N. (2017). Political institutions and bank risk-taking behavior. *Journal of Financial Stability*, 29, 13–35. <https://doi.org/10.1016/j.jfs.2017.01.004>
- Athanasoglou, P. P., Brissimis, S. N., & Delis, M. D. (2008). Bank-specific, industry-specific and macroeconomic determinants of bank profitability. *Journal of International Financial Markets, Institutions and Money*, 18(2), 121–136. <https://doi.org/10.1016/j.intfin.2006.07.001>
- Beck, T., Demirgüç-Kunt, A., & Levine, R. (2006). Bank concentration, competition, and crises: First results. *Journal of Banking & Finance*, 30(5), 1581–1603. <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2005.05.010>
- Berger, A. N., & Bouwman, C. H. S. (2013). How does capital affect bank performance during financial crises? *Journal of Financial Economics*, 109(1), 146–176. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2013.02.008>
- Berger, A. N., Klapper, L. F., & Turk-Ariss, R. (2017). Bank competition and financial stability. *Journal of Financial Services Research*, 51(2), 241–266. <https://doi.org/10.1007/s10693-008-0050-7>
- Biase, P., & D’Apolito, E. (2012). The Determinants of Systematic Risk in the Italian Banking System: A Cross-Sectional Time Series Analysis. *International Journal of Economics and Finance*, 4(11). <https://doi.org/10.5539/ijef.v4n11p152>
- Blundell, R., & Bond, S. (1998). Initial conditions and moment restrictions in dynamic panel data models. *Journal of Econometrics*, 87(1), 115–143. [https://doi.org/10.1016/S0304-4076\(98\)00009-8](https://doi.org/10.1016/S0304-4076(98)00009-8)
- Boehm, F., & Lambsdorff, J. G. (2009). Corrupción e Anticorrupción: una perspectiva neo-institucional. *Revista de Economía Institucional*, 11 (21): 45-72.
- Borio, C., & Zhu, H. (2012). Capital regulation, risk-taking and monetary policy: A missing link in the transmission mechanism? *Journal of Financial Stability*, 8(4), 236–251. <https://doi.org/10.1016/j.jfs.2011.12.003>
- Bougatef, K. (2016). How corruption affects loan portfolio quality in emerging markets? *Journal of Financial Crime*, 23(4), 769–785. <https://doi.org/10.1108/JFC-04-2015-0021>

- Cartier-Bresson, J. (1997). Corruption networks, transaction security and illegal social exchanges. *Political Studies*, 45(3), 463–476. <https://doi.org/10.1111/1467-9248.00091>
- Chen, M., Jeon, B. N., Wang, R., & Wu, J. (2015). Corruption and bank risk-taking: Evidence from emerging economies. *Emerging Markets Review*, 24, 122–148. <https://doi.org/10.1016/j.ememar.2015.05.009>
- DeYoung, R., & Torna, G. (2013). Nontraditional banking activities and bank failures during the financial crisis. *Journal of Financial Intermediation*, 22(3), 397–421. <https://doi.org/10.1016/j.jfi.2013.01.001>
- Dutra, T. M., Teixeira, J. C. A., & Dias, J. C. (2023). The effect of political institutions on the interplay between banking regulation and banks' risk. *Journal of Banking Regulation*. <https://doi.org/10.1057/s41261-023-00225-8>
- Gropp, R., & Heider, F. (2010). The determinants of bank capital structure. *Review of Finance*, 14(4), 587–622. <https://doi.org/10.1093/rof/rfp030>
- Houston, J. F., Lin, C., & Ma, Y. (2011). Media ownership, concentration and corruption in bank lending. *Journal of Financial Economics*, 100(2), 326–350. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2010.12.003>
- Jenkins, H., Alshareef, E., & Mohamad, A. (2021). The impact of corruption on commercial banks' credit risk: Evidence from a panel quantile regression. *International Journal of Finance & Economics*, 26(4), 5937–5950. <https://doi.org/10.1002/ijfe.2481>
- Laeven, L., & Levine, R. (2009). Bank governance, regulation and risk taking. *Journal of Financial Economics*, 93(2), 259–275. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2008.09.003>
- Laeven, L., Ratnovski, L., & Tong, H. (2016). Bank size, capital, and systemic risk: Some international evidence. *Journal of Banking & Finance*, 69, S25–S34. <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2015.06.022>
- Matos, T. F. A., Teixeira, J. C. A., & Dutra, T. M. (2023). The contribution of macroprudential policies to banks' resilience: Lessons from the systemic crises and the COVID-19 pandemic shock. *International Review of Finance*, 1–37. <https://doi.org/10.1111/irfi.12424>
- Matos, T. F. A., Teixeira, J. C. A., & Dias, J. C. (2024). The role of market discipline and macroprudential policies in achieving bank stability. *International Journal of Finance & Economics*. <https://doi.org/10.1002/ijfe.3005>
- Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD). (2016). *Recommendation of the Council for Development Co-operation Actors on Managing the Risk of Corruption*. OECD Publishing. <https://legalinstruments.oecd.org/en/instruments/OECD-LEGAL-0431>

- Park, J. (2012). Corruption, soundness of the banking sector, and economic growth: A cross-country study. *Journal of International Money and Finance*, 31(5), 907–929. <https://doi.org/10.1016/j.jimonfin.2011.07.007>
- Pascual, L., A. Trujillo-Ponce, and C. Cardone-Riportella. 2015. Factors influencing bank risk in Europe: Evidence from the financial crisis. *The North American Journal of Economics and Finance* 34: 138–166. <https://doi.org/10.1016/j.najef.2015.08.004>
- Roodman, D. (2009). How to do xtabond2: An introduction to difference and system GMM in Stata. *The Stata Journal*, 9(1), 86–136. <https://doi.org/10.1177/1536867X0900900106>
- Rose-Ackerman, S. (2002). *Corruption and government: Causes, consequences, and reform* (2nd ed.). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139175098>
- Sousa, L. (2011). *Corrupção*. Lisboa. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Teixeira, J. C. A., Silva, F. J. F., Costa, F. A. T., Martins, D. M. C., & Batista, M. da G. (2020). Banks' profitability, institutions, and regulation in the context of the financial crisis. *International Journal of Finance & Economics*, 25(2), 297–320. <https://doi.org/10.1002/ijfe.1753>
- Transparency International. (2024). Corruption Perceptions Index 2024. *Transparency International*. <https://www.transparency.org/en/cpi/2024>
- United Nations Development Programme (UNDP). (2018). *Conceptual framework: Corruption risk assessment at sectoral level*. UNDP. https://undp-capacitydevelopmentforhealth.org/wp-content/uploads/2021/05/CRA-at-Sectoral-Level_2018.pdf
- Windmeijer, F. (2005). A finite sample correction for the variance of linear efficient two-step GMM estimators. *Journal of Econometrics*, 126(1), 25–51. <https://doi.org/10.1016/j.jeconom.2004.02.005>

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Economia e Gestão

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal



2025

DM

O efeito da corrupção no risco dos bancos

André Luís dos Santos Cordeiro